

# Bíblia-Palavra de Deus como binômio incoerente em Tillich

Alonso S. Gonçalves\*

## Resumo

No campo teológico *protestante*, a Bíblia é identificada como *Palavra de Deus*, sendo assim, há o incentivo de uma hermenêutica *literalista* do texto bíblico, pois ele se constitui, inexoravelmente, em elemento de *revelação*. Este artigo tem dois objetivos: (i) descrever a concepção que se pretende com o binômio Bíblia-Palavra de Deus dentro do conservadorismo teológico preponderante no *protestantismo*; (ii) trazer a compreensão de Paul Tillich quanto a ideia de Bíblia e *Palavra de Deus*, colocando as duas abordagens em diálogo.

**Palavras-chave:** Bíblia. Palavra de Deus. Protestantismo. Paul Tillich.

## GOD'S WORD-BIBLE AS AN INCONSISTENT BINOMIAL IN PAUL TILlich

## Abstract

In the Protestant theological field, the Bible is identified as the Word of God, and thus there is the incentive of a literalistic hermeneutic of the biblical text, since it inexorably constitutes an element of revelation. This article has two objectives: (I) describing the intended conception with the binomial Bible-Word of God within the prevailing theological conservatism in Protestantism; (II) bringing Paul Tillich's understanding of the idea of the Bible and Word of God, dialoguing both approaches.

**Key words:** Bible; God's word; protestantism; Paul Tillich.

---

\* Doutorando em Ciências da Religião (UMESP); Licenciatura em Filosofia (ICSH); Integrante do Grupo de Pesquisa Paul Tillich; Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/1066881650609101>>; E-mail: [alonso3134@hotmail.com](mailto:alonso3134@hotmail.com)

## Introdução

O *protestantismo* que se configurou depois da Reforma Protestante, com suas variáveis que envolvem, naturalmente, teologia e liturgia, tem a Bíblia como elemento condutor e identitário, mesmo com suas ênfases e tendências mais diversas possíveis. De um modo geral, a Bíblia tem a sua centralidade na igreja e dela, da Bíblia, tira-se o conteúdo *da fé, da vida cotidiana, porque ela é*, ipso facto, a Palavra de Deus. Identificar a Bíblia como *Palavra de Deus* significa ser ela (a Bíblia) o principal, senão o único, instrumento de relação com Deus. Não por acaso, o fiel é aconselhado a gastar horas na sua leitura e isso se torna um sinal de *espiritualidade e relacionamento* com Deus, afinal de contas Deus *fala* por meio da Bíblia, portanto, é preciso *ouvir* Deus falar, ou seja, se comunicar. A quantidade de leitura bíblica que alguém possa fazer é vista como *santificação* e a *memorização* de passagens bíblicas é testemunho de que a vida com Deus está indo bem. Daí a ênfase nos encontros denominados de Escola Bíblica Dominical (EBD) para “estudar” a Bíblia, por entender que o processo de aprendizagem da Bíblia é sinal de maturidade espiritual e condição *sine qua non* para a vida em comunidade. Por esta razão, que as crianças sofrem um pesado processo de doutrinação, tendo na *repetição* de passagens bíblicas o instrumento *pedagógico* de “conhecer” a Deus. Decorar versículos bíblicos e reproduzir personagens bíblicos em canções, contribuí, de alguma maneira, para a aprendizagem da *Palavra de Deus*.

No campo *teológico protestante*, a Bíblia é identificada como Palavra de Deus, sendo assim, há o incentivo de uma hermenêutica *literalista* do texto bíblico, pois ele se constitui, inexoravelmente, em elemento de *revelação*. Qualquer reação a esse *dogma* é visto como desvirtuamento doutrinário. Esse conservadorismo se dá na tentativa “de ser *fiel* à tradição religiosa através de uma leitura literalista da Bíblia” (NOGUEIRA, 2002, p. 33). Essa leitura da Bíblia produziu o *fundamentalismo*, uma reação ao *liberalismo* que procurava produzir uma reflexão teológica a partir da *secularização* ocasionada pelo *iluminismo*. Reafirmar a supremacia da Bíblia significou embate político-ideológico com setores progressistas em Seminários e Faculdades de Teologia. Dessa forma, entra no vocabulário teológico do *protestantismo*

conservador a palavra *inerrância*. Sendo essa fundamental para tornar *crível a revelação* de Deus que, agora, passa a ser *texto*, essencialmente.

Este artigo tem dois objetivos: (i) descrever a concepção que se pretende com o binômio Bíblia-Palavra de Deus dentro do conservadorismo teológico preponderante no *protestantismo*; (ii) trazer a compreensão de Paul Tillich quanto a ideia de Bíblia e *Palavra de Deus*, colocando as duas abordagens em diálogo.

### **Bíblia e revelação**

Depois da Reforma Protestante, a Bíblia, ou o que se entendia ser a Bíblia,<sup>1</sup> ganhou centralidade na dinâmica religiosa. Com isso, houve uma efervescente busca para se entender o que seria a *Bíblia* e sua relação com a *revelação*. E logo Bíblia e *revelação* ficou sendo como sinônimos. A pretensão de possuir o conhecimento absoluto do texto sagrado levou a formulações de doutrinas suprimindo, desta forma, o livre exame, herança da Reforma. Com uma grande diversidade de escolas teológicas, concepções hermenêuticas e doutrinas, surgiram diferentes maneiras de ver o texto bíblico e sua relação com a *revelação*, ou seja, *Palavra de Deus*. Para um determinado grupo a Bíblia *contém* a Palavra de Deus: “certas partes dela são divinas, expressam a verdade, mas outras são obviamente humanas e apresentam erros” (GEISLER & NIX, 1997, p. 17). Em contrapartida, outro grupo postulou de que a Bíblia *é* a Palavra de Deus e alguns chegam a alegar de que o próprio Deus tenha *ditado* palavra por palavra (GEISLER & NIX, 1997, p. 16).

O grupo que entende que foi o próprio Deus quem ditou palavra por palavra (obviamente há, nesse mesmo grupo, quem tenha posições diferentes), acredita que os *originais* da Bíblia são *inspirados* por Deus. Dessa forma, as línguas originais devem ser dissecadas, pois elas, de alguma forma, expressam a *vontade* de Deus. Neste sentido leem-se os originais com o intuito de entender o que realmente Deus está *dizendo*. Desconsidera-se de que o povo de Israel viveu sua fé que incluiu, naturalmente, vicissitudes como tramas, conquistas, derrotas, alegrias, tristezas. Suas “histórias” foram ganhando corpo escrito depois do exí-

---

<sup>1</sup> Martinho Lutero, por exemplo, teve dificuldades em aceitar a Carta de Tiago como parte do cânon neotestamentário, por entender, em algum momento, que ele conflitava com o apóstolo Paulo no quesito fé *versus* obras.

lio babilônico. E se há revelação no texto, como há de fato, ela surgiu como consequência de um processo de fé que modelou seu pensamento e experiência. O texto não surgiu como *palavra* feita e dada no nada e no vazio, pelo contrário, o texto recolhe sagas, mitos, festas, lendas, folclore para dar claridade ao passado de Israel e sua experiência originária com o conhecido *Iahweh*. O mesmo com os escritos do Novo Testamento: a experiência com o Deus de Israel e sua manifestação em Jesus de Nazaré e a ressurreição como confirmação de que ele era o Filho de Deus, dentro do imaginário religioso e cultural, as comunidades vivenciam a fé sem a pretensão de construir dogmas e fazer doutrinas. A *Bíblia* nasce do descobrimento de Deus na vida de um povo. Antes mesmo de passar pela pena de um redator, ela é fruto de uma experiência revelacional. O texto já é um produto revelacional e não, propriamente, *revelação*. A revelação não apareceu como *palavra feita*, como oráculo de uma divindade escutado por um vidente, mas como experiência viva. As contradições, as ambivalências, o caráter histórico, vem corroborar de que o texto é humano, demasiadamente humano-divino.

Se houve apenas *ditado*, como alegam alguns conservadores, a *aprendizagem da revelação* não pode ser satisfatória, uma vez que o ditado não leva em consideração as condições de quem está aprendendo, pois o interesse, quase sempre, se dá em apenas *passar* os conteúdos não sendo possível um processo de interiorização dos mesmos por parte de quem aprende. Não há um processo de assimilação a partir da realidade em que se está inserido.

Um importante documento que trata sobre a *inerrância* da Bíblia é a conhecida *Declaração de Chicago sobre a inerrância da Bíblia (Declaração)*. Um grupo de teólogos e pastores protestantes nos EUA reuniu-se em um congresso de três dias e, ao final, formularam um documento que, como o mesmo diz, não pretende ser um “credo”, mas pretendeu ser um divisor de tendências, ou seja, àqueles que professam a crença na *inerrância* e àqueles que a negam. Neste sentido, portanto, não há a possibilidade de não haver a *inerrância*, ela é um fato, reque-rendo apenas aceitação ou rejeição.

Um dos pontos da *Declaração* diz: “tendo sido na sua totalidade e verbalmente dadas por Deus, as Escrituras não possuem erro ou falha

em tudo o que ensinam, quer naquilo que afirmam a respeito dos atos de Deus na criação e dos acontecimentos da história mundial [...]” (GRUDEM, 1999, p. 1034). A Bíblia aqui ganha *status* de *revelação* suprema, cabal. Ela se torna absoluta em termos de parâmetros sociais, científicos e teológicos. Na sua absoluta certeza ela é concebida como uma espécie de *encarnação*, ou seja, ela ganha sentido quase que transcendente. Com isso, a *Bíblia* é fechada em si mesma e aquilo que Deus “falou” está falado e aquilo que ele não falou não é possível falar mais. Neste caso, não há uma interação Deus-pessoas no processo da comunicação. Há uma palavra dada que ignora o próprio desenvolvimento da capacidade humana de entender e aprimorar o que não conhecia outrora, mesmo afirmando que Deus “utilizou a linguagem como um meio de revelação” (GRUDEM, 1999, p. 1035).

Aqui há uma questão: a *linguagem* pressupõe *diálogo* e o diálogo é possível por meio de *palavras* e as palavras expressam o ambiente (mundo) de quem às pronuncia. Portanto, a *linguagem* da qual a *Declaração* trata não poderia ser um pressuposto *divino*, mas sim *humano*. Se a linguagem for um pressuposto divino, essa palavra seria *inautêntica*, ou seja, não altera, não modifica, não transforma o mundo de quem está sendo parte do diálogo. Sendo assim, não é Deus que se utiliza da *linguagem* como algo inerente ao seu *ser* para se revelar como quer assegurar a *Declaração*. Sendo a linguagem condição *sine qua non* da *revelação*, não poderia haver um agente que opera na passividade, antes há um processo de interlocução, de outro modo não haveria a possibilidade da pronuncia.

A *Declaração* ainda afirma que a *revelação* de Deus na Bíblia é *progressiva*. O ser *progressivo* significa que há possibilidade de haver algo melhor ou iluminar algo anterior? Parece que a *Declaração* não entende dessa maneira quando no mesmo artigo diz: “negamos que revelações posteriores, que podem completar revelações mais antigas, tenham alguma vez corrigido ou contraditado tais revelações” (GRUDEM, 1999, p. 1035). No entender da *Declaração* o *progressivo* não pode ser no sentido de que algo possa ser modificado, ampliado, melhorado ou até mesmo negado porque surgiu algo que seja mais viável. A ideia de *progresso* é de que algo pode ser diferente ou melhorado. Uma vez aceitando de que revelações posteriores não tem nenhuma inferência

em revelações anteriores, não se tem *progressividade*. O *progresso* – na concepção que a *Declaração* adota –, não se dá na questão humana, mas na esfera do divino e se assim for, não há um processo de aprendizagem porque não há um antes e um depois. É por este motivo que os partidários da *inerrância* não concebem, por exemplo, a diversidade dos evangelhos sinóticos e procuram coadunar de qualquer maneira as possíveis “contradições” ou “discrepâncias”, mesmo admitindo de que os “autores bíblicos citam outras partes da Bíblia de maneira livre, que usam números arredondados e relatam os mesmos eventos de diferentes perspectivas, como no caso dos evangelhos” (LOPES, 2008, p. 64). Como bem sintetiza Paulo Nogueira (2002, p. 41), essa maneira de ver a *Bíblia* não se preocupa com “a dinâmica da história do povo de Deus descrita no texto bíblico, nem mesmo o conteúdo da própria Bíblia que importam. O ponto decisivo está na autoridade que o texto tem para sustentar todo o edifício dogmático”.

### **Bíblia e revelação em Tillich**

Luciano Ximenes (2007, p. 64) quando analisa *revelação* em Tillich, abre sua exposição dizendo: “em todos símbolos da fé reformada encontram-se o posicionamento sobre o conceito de revelação e o reconhecimento da *Bíblia* como fonte *única e final* da *revelação* especial de Deus”. Obviamente, Ximenes quer desconstruir o pensamento tillichiano de *revelação* e dizer que ele não “crê” na *Bíblia*. Em outro lugar, o autor sentencia: “o conceito reformado de revelação mostra a Bíblia como expressão *exata* da Palavra de Deus, que é sua própria *revelação*” (XIMENES, 2007, p. 64). Quando olha para a trajetória de Tillich, o autor o qualifica como “liberal”, por ter uma concepção *diferente* da *revelação*. O primeiro equívoco do autor. O outro, em sequência, foi identificá-lo como “neo-ortodoxo” por entender que Tillich faz uso da filosofia existencialista (XIMENES, 2007, p. 66). Ele não leva em consideração as diferenças que se deu entre Tillich e Barth, principalmente quando este criticou o método barthiano, dizendo que sua teologia “nunca foi dialética” (TILLICH, 1999, p. 243). O autor em questão, elenca a *filosofia existencialista* como principal elemento na teologia tillichiana, desconsiderando o método da *correlação*. Assim, para o autor Tillich não *aceita* a *Bíblia* como *revelação* de Deus porque para

ele (Tillich), “a Bíblia perde autoridade como fonte única da teologia, em contraste com o pensamento dos reformadores” (XIMENES, 2007, p. 73). Desta forma, Tillich desconfigura a *Bíblia* quando nega haver nela a *revelação*. Por isso, o autor sente-se confortável em dizer que “a teologia não pode ser submissa à filosofia” – algo que soa estranho, uma vez que a relação Teologia-Filosofia tem caminhos convergentes e atuais. Em outro momento, o autor arremata: “a Bíblia deve ser a única fonte fidedigna para a teologia e o evangelho deve ser entendido de acordo com as proposições *reveladas* por Deus em sua *Palavra*, e não de acordo com a nossa razão, experiência ou conveniência” (XIMENES, 2007, p. 77). Obviamente o autor não conhece a teologia de Tillich e está imbuído por sua tradição teológica que tem no *fideísmo* seu ponto fundamental de leitura teológica. Quando tece “críticas” ao pensamento tillichiano sem, necessariamente, conhecer seus *métodos*, está, na verdade, procurando responder questões de fundo *doutrinário* e, não precisamente, dialogando com um pensamento divergente como o de Tillich. A razão para elencar essas considerações desse autor aqui, se dá para demonstrar o quanto essa relação *Bíblia-Palavra de Deus* se constitui em um binômio inseparável e irrefutável por parte de teólogos conservadores. A *literalidade* do texto e a presunção de ausência de relações externas a ela soa como ignorância intelectual e histórica.

Nos ocupemos de Tillich agora...

Quando Tillich publica a sua *teologia sistemática* nos EUA, recebe diversas críticas de setores conservadores. Uma dessas críticas é de que ele não faz uso da *Bíblia* para fazer *teologia*, por isso a ausência de textos bíblicos ao longo da sua *sistemática* – “o biblicismo ainda era um vício muito forte na teologia protestante norte-americana e muitos teólogos não concebiam a possibilidade de tratar certos temas sem citações bíblicas” (CALVANI, 2010, p. 23). Não citar *Bíblia* diretamente é o mesmo que *renegar a Palavra de Deus* no contexto norte-americano. Na sua *sistemática*, Tillich (2005, p. 130-138) dá as fontes da *revelação*, sendo a *natureza*, a *história* e a *palavra*. A *palavra* é meio de *revelação* porque a estrutura do ser humano, sendo racional, apreende a realidade a partir da *palavra*. Por essa razão, “a revelação não pode ser compreendida sem a palavra como meio de revelação” (TILlich, 2005, p. 134). Ocorre que para Tillich, a *Palavra de Deus* é *símbolo*

e como tal carece de hermenêutica. Nesse sentido a *palavra* não pode ser *texto* apenas porque dentro da própria literatura bíblica há o uso da visão, do tato, da gustação e da audição para “descrever a experiência da presença divina” (TILLICH, 2005, p. 135). A *linguagem* é o lugar teológico por excelência, porque somente ela tem a capacidade de captar e comunicar sentidos gerais e assim pode “discernir e comunicar estados pessoais” (TILLICH, 2005, p. 135). Conceber a *revelação* sem *linguagem* não se sustenta! A mediação da realidade é feita pela *linguagem* por ter esta como base o processo da história humana, tendo correlação a *experiência* por meio da mente-realidade.

*Palavra de Deus* não pode ser entendida de maneira *literal*, antes deve ser compreendida *simbolicamente*. Não se pode confundir a *revelação* através de *palavras* com “palavras reveladas” (TILLICH, 2005, p. 135). A questão de Tillich é que ele rejeita o biblicismo que “vê a Bíblia como única fonte da Palavra de Deus” (CUNHA, 2016, p. 221). Dessa forma, Tillich não concebe a *Palavra de Deus* confinada em *texto* apenas, antes “a Palavra de Deus não está limitada às palavras de um livro e que o ato da *revelação* não se identifica com a ‘inspiração’ de um ‘livro de revelações’, mesmo que o livro seja o documento da ‘Palavra de Deus’ final, plenitude e critério de todas as revelações” (TILLICH, 2005, p. 50). O que Tillich diz é que a *linguagem* é instrumento *indispensável* de mediação, principalmente em relação à *revelação*. Por essa razão que o binômio verificável do conservadorismo teológico (*Bíblia-Palavra de Deus*), se mostra incoerente em Tillich. O *texto* não é dado em situação de *pureza*, portanto cabendo interpretações dentro do seu campo semântico.

A fim de explicar a relação entre *palavra* e *revelação* tendo a *linguagem* como mediação, Tillich (2005, p. 136) faz uma importante distinção:

A linguagem comum, por outro lado, mesmo quando lida com questões de preocupação última, não é um meio de revelação. A linguagem como meio de revelação, ao contrário, tem “som” e a “voz” do mistério divino em e através do som e da voz da expressão e da denotação humanas. A linguagem com esse poder é “Palavra de Deus”.

Essa distinção na *linguagem* é fundamental para Tillich. A *linguagem* que lida com questões últimas (a filosofia faz isso), não é a mesma que lida com o mesmo tema (teologia) e comunica *revelação*. Dessa forma, a *revelação* não pode ser uma *informação*. Há que diferenciar as *linguagens*. “A linguagem comum, sem transmitir qualquer ‘som’ de ultimidade, poderia dar uma informação sobre ‘assuntos divinos’. Tal informação seria de interesse cognitivo e talvez ético [...]. Não teria o poder de apreender, abalar e transformar, este poder que se atribui à ‘Palavra de Deus’” (TILLICH, 2005, p. 136). Em outro lugar, Tillich faz uma crítica a essa identificação que se faz entre *Bíblia-Palavra de Deus* na ortodoxia quando colocou o Espírito Santo como o autor da *inspiração* da Bíblia. Quando é o Espírito Santo que “dá testemunho da autenticidade da Bíblia enquanto documento do Espírito divino [...] o Espírito dá testemunho de que a Bíblia contém doutrinas verdadeiras, a coisa toda deixa de fazer parte dessa relação entre pessoas e se transforma num relacionamento objetivo e legalista. Foi exatamente o que fez a ortodoxia” (TILLICH, 1988, p. 254-255). O que Tillich propõe é exatamente o contrário disso. A *revelação* não pode ser *texto* apenas. Embora esteja lá, não se constitui exclusivamente em *texto*. Para ele “se a palavra como meio de revelação não é informação, ela não pode ser pronunciada separadamente de eventos reveladores na natureza, na história e no ser humano” (TILLICH, 2005, p. 136).

### Considerações finais

O binômio adotado pelo *protestantismo* (*Bíblia-Palavra de Deus*) encerra a *revelação* no texto, tornando-o como um elemento *informativo*. Quando há a pretensão de se colocar no *texto* a *revelação* no seu sentido cabal, esta (a *revelação*) se torna apenas *preposições*, como quer os conservadores. Nesse sentido, o *texto* fica sendo *responsável* por *comunicar* verdades que, antes de sê-las, foram concebidas a partir da *linguagem*, cabendo, portanto, *hermenêutica*. Se admite que a *Bíblia-Palavra de Deus* detém a *inerrância*, não se abre para o livre exame, como propagaram os reformadores, antes o conjunto doutrinário é o definidor de relações, cabendo ao ser humano apenas o depósito disso sem uma *inter-relação* mediada pela *linguagem*.

A experiência da fé se constitui em elemento preponderante de *linguagem*, por mediar questões de preocupação última. Tillich sabe-dor disso não entende *Palavra de Deus* como casulo da *Bíblia*. Antes, a relação com Deus tem som, cheiro, tato e audição. Essa relação se dá na natureza, na história e no ser humano, configurando assim em *revelação*, inclusive dentro da literatura bíblica.

## Referências

CALVANI, Carlos Eduardo. **Teologia da arte**: espiritualidade, igreja e cultura a partir de Paul Tillich. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010.

CUNHA, Carlos. **Paul Tillich e a teologia pública no Brasil**. São Paulo: Garimpo, 2016.

GEISLER, Norman & NIX, William. **Introdução bíblica**: como a Bíblia chegou até nós. São Paulo: Vida, 1997.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**: atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LOPES, Augustus Nicodemus. **O que estão fazendo com a igreja**: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

NOGUEIRA, Paulo. Leitura bíblica fundamentalista no Brasil: pressupostos e desenvolvimentos. **Caminhando**, ano VII, n.º 10, 2º Sem./2002, p. 31-49.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. São Paulo: ASTE, 1988.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX**. São Paulo: ASTE, 1999.

\_\_\_\_\_. **Teologia sistemática**. 5ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

XIMENES, Luciano. Revelação em Paul Tillich. **Fides Reformata**, ano XII, n.º 2, 2007, p. 63-77.